

Quando terminou, em soluções, o protetor fixou nele o olhar muito lúcido e asseverou:

— Por enquanto, Rosalino, ainda não paguei todas as consequências do empréstimo que te foi concedido e do qual fui espontaneamente avalista. Tuas lágrimas, agora, não me sensibilizam tão fortemente o coração.

Ofereci-te o suor que salva, mas preferiste o pranto que lamenta. Pede, pois, ao Senhor que te renove a esperança, porque, para voltar ao empréstimo contraído, é muito tarde!...

XXII

O SEMEADOR INCOMPLETO

Conta-se que existiu um cristão inteligente e sincero, de convicções fortes e maneiras francas, que, onde estivesse, atento às letras evangélicas, não deixava de semear a palavra do Senhor.

Excelente conversador, ocupava a tribuna com êxito invariável. As imagens felizes fluíam-lhe dos lábios quais arabescos maravilhosos de som. Ensinava sempre, conduzia com lógica, aconselhava com acerto, espalhava tesouros verbais. No entanto, reconhecia-se incompreendido de toda gente.

Em verdade, no fundo, exaltava o amor; todavia, acima de tudo, queria ser amado. Salientava os benefícios da cooperação; contudo, estimava a colaboração alheia, sentindo-se diminuído quando as situações lhe reclamavam concurso fraterno. Sorria, contente, ao receber o título de orientador; entretanto, dificilmente sabia utilizar o título de irmão. Habituar-se, por isso, ao patriarcado absorvente criado pelos homens na imitação do patriarcado libertador de Deus.

Com a passagem do tempo, todavia, suas palavras perderam o brilho. Faltava-lhes a claridade interior que somente a integração com Jesus pode proporcionar.

Servo caprichoso e rígido, insulou-se no estudo das letras sagradas e buscou situar-se nos símbolos da Boa-Nova, descobrindo para ele mesmo a posição do sementeiro incompreendido.

As estações correram sucessivas e a luz de cada dia encontrou-o sempre sozinho e distante...

Dizia-se enfasiado das criaturas. Semeara entre elas, afirmava triste, as melhores noções da

vida, recebendo, em troca, a ingratidão e o abandono. Sentia-se ausente de sua época, desajustado entre os companheiros e descrente do mundo. E porque não desejava contrariar a si mesmo, retirara-se das atividades sociais, a fim de aguardar a morte.

Efetivamente, o anjo libertador, decorrido algum tempo, veio subtraí-lo ao corpo físico.

Estranho, agora, ao ambiente carnal, vagueou em esfera obscura, durante muitos anos. Mantinha-se apagada a lâmpada de seu coração. Não possuía suficiente luz para identificar os caminhos novos ou para ser visto pelos emissários celestes.

O inteligente instrutor, por fim, valeu-se da prece. Afinal, fora sincero em seus pontos de vista e leal a si próprio. E tanto movimentou os recursos da oração que o Senhor, ouvindo-lhe as súplicas bem urdidas, desceu em pessoa aos círculos penumbrosos.

Sentindo-se agraciado, o infeliz alinhou frases preciosas que Jesus anotava em silêncio.

Depois de longa exposição verbal do aprendiz, perguntou o Mestre, amável:

— Que missão desempenhaste entre os homens?

O interpelado fixou o gesto de quem sofre o golpe da injustiça e esclareceu:

— Senhor, minha tarefa foi semelhante à daquele semeador de tua parábola. Gastei várias dezenas de anos, espalhando tuas lições na Terra. No entanto, não fui bem sucedido no ministério. As sementes que espargi a mancheias sempre caíram em terra sáfara. Quando não eram eliminadas pelas pedras do orgulho, apareciam monstros da vaidade, destruindo-as, surgiam espinhos da insensatez sufocando-as, crescia o lodo do mal, anulando-me o serviço. Nunca fugi ao esforço de oferecer teus ensinamentos com abundância. Atirei-os aos quatro cantos do mundo, através da tribuna privada ou da praça livre. Todavia, meu salário tem sido o pessimismo e a derrota...

Jesus fitava-o, condoído. E porque os lábios divinos nada respondessem, o aprendiz acentuou:

— Portanto, é imperioso reconhecer que te observei as advertências... Fui sincero para contigo e fiel a mim mesmo...

Verificando-se novo intervalo, disse o Senhor com imperturbável serenidade:

— Se atiraste tantas sementes a esmo, que fazias do solo? Acreditas que o Supremo Criador conferiu eternidade ao pântano e ao espinheiro? Que dizer do lavrador que planta desordenadamente, que não retira as pedras do campo, nem socorre o brejo infeliz? É fácil espalhar sementes porque os princípios sublimes da vida procedem originariamente da Providência Divina. A preparação do solo, porém, exige cooperação direta do servo disposto a contribuir com o próprio suor. Que fizeste, em favor dos corações que converteste em terra de tua semeadura? Esperavas, acaso, que o lago lodacento te procurasse as mãos para ser drenado, que as pedras te rogassem remoção, que os carrascais te pedissem corrigenda? Permaneceria a sementeira fora do plano educativo estabelecido pelo Pai Eterno para o Universo inteiro?

Ante nova pausa que se fizera, o crente, desapontado, objetou:

— Contudo, tua parábola não se refere aos nossos deveres para com o solo...

— Oh! — tornou Jesus, complacente — estará o mestre obrigado a resolver os problemas dos discípulos? não me reporte à Vinha do Mundo, à charrua do esforço, ao trigo da verdade e ao joio da mentira? não expliquei que o maior no Reino dos Céus será sempre aquele que se transformou em servo de todos? não comentei, muitas vezes, as necessidades do serviço?

O ex-instrutor silenciou em pranto convulso.

O Senhor, todavia, afagou-lhe pacientemente a fronte e recomendou:

— Volta, meu amigo, ao campo do trabalho terrestre e não te esqueças do solo, antes de semear.

Cada coração respira em clima diferente. Enquanto muitos permanecem na zona fria da ignorância, outros se demoram na esfera tórrida das paixões devairadas. Volta e vive com eles, amparando a cada um, segundo as suas necessidades. Aduba a sementeira do bem, de conformidade com as exigências de cada região. Esse ministério abençoado reclama renúncia e sacrifício. Atendendo aos outros, ajudará a ti mesmo. Por enquanto, és apenas o semeador incompleto. Espargiste as sementes, mas não consultaste as necessidades do chão. Cada gleba tem as suas dificuldades, os seus problemas e percalços diversos. Vai e, antes de tudo, distribui o adubo da fraternidade e do entendimento.

Nesse instante, o ex-pregador da verdade sentiu-se impelido por vento forte. A lei do renascimento arrebatava-o às esferas mais baixas, onde, novamente internado na carne, trabalharia, não para ser compreendido, mas para compreender.

XXIII

GRANDE CABEÇA

O Dr. Abelardo Tourinho era, indiscutivelmente, verdadeira águia de inteligência.

Advogado de renome, não conhecia derrotas. Sua palavra sugestiva, nos grandes processos, tocava-se de maravilhosa expressão de magnetismo pessoal. Seus pareceres denunciavam apurada cultura.

Qual cientista isolado no laboratório para descobrir uma combinação química, Abelardo se mantinha, horas e horas, no gabinete particular, surpreendendo as colisões das leis humanas entre si.

Não obstante o talento privilegiado, caracterizava-se, contudo, por traço lamentável. Não vacilava na defesa do mal, diante do dinheiro. Se o cliente prometia pagamento farto, o caudado torturava decretos, ladeava artigos, forçava interpretações e acabava em triunfo espetacular.

Chamavam-lhe "grande cabeça" nos círculos de convivência comum.

Temiam-no os colegas de carreira, que lhe não regateavam respeito e consideração.

Penetrando o "forum", provocava movimentos de singular interesse. Retraíam-se os companheiros, enquanto os serventuários se atropelavam a fim de atendê-lo no que desejasse.

O doutor Abelardo era sempre requisitado a serviços inadiáveis, em razão da nomeada fulgurante. Devia ser ouvido antes dos outros.

Muita vez, foi convidado a atuar, em posição destacada, nas esferas político-administrativas; entretanto, esquivava-se, maneiroso. Que representavam as singelas gratificações dum deputado, em